

1

Discurso na cerimônia de indicação da Pastoral da Criança para o Prêmio Nobel da Paz

BRASÍLIA, DF, 9 DE JANEIRO DE 2001

Senhores Ministros aqui presentes; Doutora Zilda Arns; Dom Paulo Evaristo Arns; Pelé; Meus caros amigos e amigas que estão formando esta comissão para que consigamos obter esse Prêmio Nobel da Paz para a Pastoral da Criança,

Tenho muito pouco a acrescentar, tanto que não vou ler o discurso que tinha trazido aqui. Por quê? Primeiro, porque, desde as palavras do Ministro José Serra até, agora, as palavras da Doutora Zilda Arns, o essencial foi dito. E foi dito da maneira mais simples, mais direta e com mais emoção.

Eu queria apenas dizer que há uma série de coincidências que me fazem muito feliz de estar aqui, neste momento, assinando esta carta e ajudando a sociedade civil – porque é disso que se trata – a conseguir aquilo que é um merecido reconhecimento de um trabalho extraordinário da Pastoral da Criança. A coincidência é a de que estamos comemorando, pela ONU, o Ano Internacional do Voluntariado também. Esses dias são os dias do Voluntariado. Amanhã mesmo, terei uma solenidade do Voluntariado.

E Dom Paulo é testemunha de que fizemos uma das primeiras ONGs do Brasil, que foi o Cebrap. Por ser uma das primeiras e por estarmos lutando contra um regime autoritário, um dia, jogaram uma bomba no meu escritório. Uma das primeiras pessoas que para lá acorreu foi Dom Paulo. Isso já faz, por sorte, Dom Paulo, 25 anos, 26 anos. Não é isso? Vinte e seis anos. Temos, portanto, uma longa convivência no espírito de Voluntariado, de organizações públicas não-governamentais.

Naquele tempo, o Governo não reconhecia como parte do público o não-governamental. Hoje, o Ministro Serra acaba de dizer que, no nosso caso, reconhecemos o público como parte do governamental. Estamos dispostos, sempre, a um trabalho de cooperação. Naquele tempo, não era assim. Havia uma certa animosidade entre o Estado e a sociedade civil. Mas havia já cooperação entre aqueles que estavam numa luta política, aqueles que estavam na vida acadêmica, como era meu caso, na verdade – como era nosso caso, na verdade –, e aqueles que estavam em uma crença religiosa, lutando por ideais também de solidariedade, de liberdade e de democracia.

Agora, depois desses 25 anos, estamos vendo que as coisas mudaram. Mudaram, principalmente, porque a sociedade avançou muito no Brasil. O Ministro Serra disse que seria impossível para o Governo fazer aquilo que está sendo feito pela Pastoral da Criança. Também seria impossível para a Pastoral da Criança fazer o que está fazendo se não houvesse apoio do Governo.

Essa cooperação, que tem que ser baseada em valores de solidariedade, de crença no próximo, de amor, é muito importante para a mudança de todas as instituições brasileiras. O fato de estarmos aqui, todos juntos – e a figura do Pelé, que é uma figura simbólica, porque ele também é o embaixador da boa vontade na luta pelas crianças, no seu momento, foi ministro, para prestar uma cooperação ao país, mas, ministro ou não ministro, tem sempre uma atividade pública –, e que as diferenças entre nós nos unem é muito importante. É preciso que haja diferenças que unam, que permitam a convergência, que é ao que estamos assistindo.

É verdade que se há um movimento que merece um prêmio como o Prêmio Nobel, é exatamente a Pastoral da Criança, pelas razões que já

foram ditas aqui. Pelas razões que foram ditas e que a Doutora Zilda mencionou, com muita propriedade, que não se trata apenas de atender à pobreza. É muito mais do que isso. É a formação da pessoa, da cidadania, dar valores às pessoas, fazer com que elas entendam que a vida tem que ser cuidada, tem que ser regada como uma plantinha. Isso tem que ser feito também com amor, com dedicação. É por isso que é possível fazer mais com menos recursos, porque não são ações que se façam friamente, burocraticamente. São ações que se fazem unguidas por um espírito de fraternidade, de amor, de crença na capacidade do ser humano de ajudar um ao outro.

São razões mais do que suficientes para que eu, como Presidente da República, expressando a sociedade civil e não como Estado e juntando-me a esse clamor, que é da sociedade, venha pedir, como vamos pedir, pelo mundo afora, que esse conjunto de pessoas que terão que decidir lá, na Suécia, façam a justiça de premiar a Pastoral da Criança.

Não posso deixar de agradecer ao Embaixador Baena Soares, que está coordenando esse grupo. E, ao mencioná-lo, menciono a todos os demais. Alguns, aqui, já foram mencionados. Eu não queria deixar de mencionar qualquer um. Por isso, me eximo de citar mais nomes. Mas isso é uma demonstração viva de que, Doutora Zilda, a Senhora sei que coordena e que, portanto, todas essas milhares de pessoas que estão sob sua ação direta são diretamente merecedoras desse esforço.

Mas pode ter certeza de que no momento em que mais pessoas se unem a isso, é porque todas essas pessoas, nós todos, queremos a mesma coisa: queremos o bem de cada pessoa humana, queremos que, com muita rapidez, diminuam ainda mais as taxas de mortalidade infantil, os níveis de desnutrição, as condições de pobreza se vão extinguindo. Estamos todos convencidos de que o Governo pode fazer muita coisa mas, qualquer que seja o César, ele não fará nada sem o povo. E a Senhora representa o povo.

Muito obrigado.